



## **A prisão de Lula ao vivo no Facebook: uso da ferramenta Facebook Live para a construção de narrativas em vídeo pela Mídia Ninja e pelo Estadão**

**William da Silva Santos<sup>1</sup>**  
**Márcia Vidal Nunes<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Ceará, UFC

**Resumo:** O presente artigo tem como principal objetivo identificar características do uso da ferramenta Facebook Live para a realização de coberturas jornalísticas na mídia tradicional e na mídia alternativa, notadamente pelo jornal O Estado de S. Paulo e pelo coletivo Mídia Ninja, buscando evidenciar estratégias de construção de narrativas em vídeos transmitidos ao vivo nas respectivas páginas no Facebook. Para isso, utilizamos, como recurso metodológico para uma investigação quantitativa e qualitativa da cobertura da prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a análise pragmática da narrativa jornalística (MOTTA, 2007). Notamos, a partir de resultados preliminares, que a ferramenta Facebook Live foi mais utilizada pela Mídia Ninja. O estudo observou, ainda, estratégias diferentes de objetivação e subjetivação, apontando para intenções comunicativas – com motivações políticas e culturais – em disputa no debate público.

**Palavras-chave:** Facebook Live; Transmissões ao vivo; Jornalismo digital; Mídia alternativa; Narrativas jornalísticas.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Jornalista graduado pela mesma instituição. E-mail: william.santos93@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC. Doutora em Sociologia pela mesma instituição. E-mail: marciavn@hotmail.com.

## 1. Introdução

\*\*\*

Sábado, sete de abril de 2018, 18h37: o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), se entrega à Polícia Federal em Curitiba, capital do Paraná. Condenado a 12 anos de detenção por corrupção passiva e lavagem de dinheiro em um processo atravessado por questionamentos, a prisão do petista havia sido decretada dois dias antes, em cinco de abril, pelo juiz federal Sérgio Moro.

\*\*\*

“Ao vivo, aqui em Curitiba, manifestação com milhares de apoiadores do presidente Lula. Milhares defendendo o presidente Lula vieram *receber* (sic) de forma pacífica, e a PM, a Polícia Militar do Governo Beto Richa, atacou os manifestantes sem qualquer motivação. A única coisa que *tava* acontecendo eram os gritos de guerra *pra* receber o presidente Lula, e *tá* aí, ó: o Choque *tá* aí. (...) segue a resistência. Ainda tem milhares de apoiadores do presidente Lula, defensores da democracia, aqui em Curitiba”, narra a voz de um homem que, com um dispositivo móvel na mão, transmite a cena ao vivo na página do coletivo Mídia Ninja no Facebook. O vídeo, de 44 minutos e 28 segundos, foi visto 219 mil vezes<sup>3</sup>.

Na tarde que antecedeu a prisão do ex-presidente, o jornal O Estado de S. Paulo também opta por realizar uma transmissão ao vivo no Facebook. O formato, porém, é outro: “direto do estúdio da TV Estadão”, enfatiza o jornalista que apresenta o “programa extraordinário”, fatos relacionados à apresentação de Lula à Polícia Federal são reportados pelo apresentador e comentados por um outro jornalista da redação, convidado para a transmissão. Uma tela mostra, durante o programa, fotografias e vídeos, além de

---

<sup>3</sup> Número de visualizações do vídeo, publicado na página da Mídia Ninja no Facebook, acessado no dia 23 de junho de 2018.

notícias do *site* do jornal. A transmissão, de 42 minutos e 10 segundos, teve 143 mil visualizações<sup>4</sup>.

As duas iniciativas, empreendidas, de um lado, por um dos maiores jornais do Brasil<sup>5</sup>, e, de outro, por um dos grupos de mídia cidadã cujas ações, na Internet, mais têm visibilidade<sup>6</sup> no País na atualidade, estão inseridas no que Pierre Lévy (2017) denominou “médium digital”, caracterizado, no início do século XXI, por uma possibilidade de expressão pública, de interconexão sem fronteiras e de acesso à informação sem precedentes na história humana. Para o autor francês, tal meio “vem substituindo e, ao mesmo tempo, absorvendo o antigo sistema de mídias estruturado pela edição em papel, pelo cinema, pelos jornais, pelo rádio e pela televisão” (2017, p. 29). Neste contexto, argumenta ele, o crescimento do “médium digital” se traduz por uma transformação radical da esfera pública, com profundas e duráveis consequências políticas, em que “novos tipos de retórica multimídia se desenham no horizonte da nova esfera pública” (2017, p. 35).

Nas interfaces entre jornalismo e mobilidade, as chamadas redes de comunicação digital emergem como terreno fértil a ser ocupado tanto por grandes jornais quanto por movimentos de jornalismo independente, cidadão ou alternativo, suscitando questões em um contexto de “cultura da convergência” (JENKINS, 2008), fenômeno compreendido, de acordo com o autor norte-americano, como um

fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2008, p. 27)

Neste trabalho, interessa-nos olhar, então, para coberturas de um fato relacionado à agenda política do País, realizadas pelo Estadão e pela Mídia Ninja no Facebook, a partir da ferramenta Facebook Live, que permite fazer transmissões em vídeo ao vivo

---

<sup>4</sup> Número de visualizações do vídeo, publicado na página do Estadão no Facebook, acessado no dia 23 de junho de 2018.

<sup>5</sup> Segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ), o Estadão era o quarto maior jornal do País em circulação paga por ano, conforme dados referentes a 2015 (os mais recentes disponíveis no site da entidade), com circulação média de 157.761 exemplares.

<sup>6</sup> A página da Mídia Ninja no Facebook era seguida, em 1º de julho de 2018, por 1.795.326 pessoas.

por meio de tecnologias digitais móveis. A partir de estudo feito por Silva e Rodrigues (2014) sobre redes sociais e cobertura de protestos “ao vivo” e da rua, partimos da premissa de que a Mídia Ninja, desde que surgiu, “promoveu mudanças nas estratégias da mídia corporativa, que adotou os seus métodos de transmissão” (p. 1).

No rol das redes sociais mais populares no mundo, até 2016, apenas o Twitter era utilizado de maneira mais expressiva para transmissões em vídeo ao vivo, mas, ao longo dos últimos dois anos, as *lives* têm se espalhado por outras redes de comunicação digital. Desde que foi liberado a todos os usuários – no Brasil, o Facebook contabiliza, em média, 125 milhões de pessoas conectadas à plataforma por mês, segundo dados divulgados em junho de 2018 – em abril de 2016, o Facebook Live permite a transmissão de vídeos em tempo real no Facebook. A partir da recente possibilidade, jornais têm apostado mais no recurso. O Globo e O Estado de S. Paulo, por exemplo, têm programas fixos – Porque hoje é segunda, Porque hoje é sexta e Estadão às 5h, respectivamente – transmitidos ao vivo pelo Facebook.

Neste contexto, a partir de uma análise quantitativa e qualitativa de vídeos transmitidos ao vivo pelo Estadão e pela Mídia Ninja no Facebook durante a cobertura da prisão do ex-presidente Lula, fato escolhido pela dimensão histórica e por observações preliminares que permitiram constatar a presença do recurso, pretendemos identificar características do uso da ferramenta Facebook Live para a realização de coberturas jornalísticas na mídia tradicional e na mídia alternativa, evidenciando aproximações e distanciamentos nas estratégias de construção de narrativas adotadas nas duas páginas. Para isso, utilizamos, como recurso metodológico, a análise pragmática da narrativa jornalística, proposta por Luiz Gonzaga Motta (2007), que sugere a análise da construção de significados através da reconfiguração do acontecimento jornalístico e permite a interpretação simbólica dele, revelando metanarrativas culturais pré-jornalísticas.

## **2. Jornalismo em tempos de convergência**

Em um contexto de integração de redações (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2007; BARBOSA, 2009) de jornais e emissoras de televisão em diversos países para que se

tornem veículos multimídia, a exigência por produções executadas coordenadamente para suportes impressos, radiofônicos, televisivos e digitais afeta condições de trabalho e também reconfigura modos de fazer jornalismo. A “cultura da convergência” (JENKINS, 2008) tensiona dicotomias que habitam as rotinas produtivas, seja na produção da notícia ou mesmo no planejamento de uma cobertura jornalística: é assim nas semelhanças e diferenças que se tenta estabelecer entre o impresso e o digital, a televisão e o webvídeo, o profissional e o amador, a legitimidade do conteúdo apurado e as *fake news*, o jornalismo que alguns definem como alternativo<sup>7</sup> e aquele que convencionou-se nomear tradicional, feito por organizações empresariais de mídia.

Fernando Firmino da Silva (2008, p. 3-4) observa que a convergência jornalística, por sua vez, ganha materialidade não só na integração de redações tradicionais e redações online, mas também na multiplicação de plataformas de distribuição de conteúdo que, segundo ele, forçam redefinições que afetam toda a cadeia produtiva, desde as funções jornalísticas até a distribuição da notícia para a audiência. Na tentativa de contextualizar tais transformações, o pesquisador recorre a Garcia Avilés (2007):

El concepto de “convergencia periodística” alude a un proceso de integración de modos de comunicación tradicionalmente separados que afecta a empresas, tecnologías, profesionales y audiencias en todas las fases de producción, distribución y consumo de contenidos de cualquier tipo. Dicho proceso acarrea profundas implicaciones para las estrategias empresariales, los cambios tecnológicos, la elaboración y distribución de contenidos en distintas plataformas, el perfil profesional de los periodistas y las formas de acceso a los contenidos. (AVILÉS et. al, 2007, p.2 *apud*. SILVA, 2008, p. 3)<sup>8</sup>

Não se trata, portanto, de mero impacto técnico das tecnologias no jornalismo. Lévy (1999) já havia afirmado, em *Cibercultura*, que a tecnologia não é um autor autô-

---

<sup>7</sup> Oliveira (2009) define jornalismo alternativo como a modalidade que compreende “práticas e experiências jornalísticas que, ao perceberem das insuficiências de exercer a atividade dentro destas premissas do espírito moderno – particularmente nos valores éticos – em função de poderes discricionários, autoritarismo interno nos sistemas de comunicação, entre outros, buscam resgatar este ‘espírito’ em outros espaços. (OLIVEIRA, 2009, p.5 *apud*. ANDRADE, 2014, p. 4)

<sup>8</sup> O conceito de “convergência jornalística” alude a um processo de integração de modos de comunicação tradicionalmente diferenciados que afeta as empresas, tecnologias, profissionais e audiências em todas as fases de produção, distribuição e consumo de conteúdos de qualquer tipo. Este processo acarreta profundas implicações para as estratégias empresariais, as mudanças tecnológicas, a elaboração e distribuição de conteúdos em distintas plataformas, o perfil profissional dos jornalistas e as formas de acesso aos conteúdos (tradução nossa).

nomo, separado da sociedade e da cultura, e tampouco estas seriam apenas entidades passivas percutidas por um agente exterior. A distinção traçada entre cultura, sociedade e técnica, argumenta ele, só pode ser conceitual, já que “em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura” (LEVY, 1999, p. 22). As técnicas, diz o autor, carregam projetos, esquemas imaginários, implicações sociais e culturais variadas. Por trás delas, agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder.

Carlos Eduardo Franciscato (2017), ao relacionar teorias sociais sobre a tecnologia e os estudos de jornalismo digital, reconhece que “as transformações tecnológicas vêm possibilitando repensar características estruturais do jornalismo, indicando uma definição ampliada da atividade jornalística em redes digitais” (FRANCISCATO, 2017, p. 35). Ele, contudo, apropria-se do conceito de “flexibilidade interpretativa”, proposto por Klein e Kleiman (2002), para ressaltar que os produtos tecnológicos são socialmente construídos.

Utilizar a categoria da ‘flexibilidade interpretativa’ auxilia um deslocamento do olhar, que não deixa de considerar a materialidade do fenômeno tecnológico, mas remete a interpretação do pesquisador para a observação de interações sociais, como por exemplo as comunidades e grupos que desenvolvem e dão sentido de utilidade a determinada tecnologia. Porque, sob a perspectiva construtivista, não é só a tecnologia que é socialmente construída, mas também os fenômenos em que ela está inserida, no caso específico o próprio jornalismo, assim como o olhar do pesquisador na interpretação desse conjunto de fenômenos (FRANCISCATO, 2017, p 36-37).

### **3. Jornalismo móvel no Estadão**

Fundado em 4 de janeiro de 1875, durante o Império, o jornal A Província de S. Paulo é, desde 1890, O Estado de S. Paulo. No histórico descrito no site do veículo, a instituição destaca o “completo noticiário político” que oferece aos leitores e situa que “pesquisas de mercado, há décadas, apontam o jornal como aquele que desfruta da maior credibilidade dentre todas as empresas jornalísticas brasileiras” (ESTADÃO, 2018). O Estado de S. Paulo, de acordo com o texto, faz parte do Grupo Estado e é o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo em circulação.

No Facebook, a página Estadão tem 3,6 milhões de seguidores. É nela, assim como em outras redes de comunicação digital, que o jornal produz marcas do que seria um jornalismo móvel. Segundo Silva (2008), há duas perspectivas da prática voltadas ao que seja o jornalismo móvel: uma centrada na difusão/recepção de conteúdo para celulares, e outra com foco no aspecto da produção de conteúdo. Em confluência com outros autores, ele sustenta que é possível definir

esta modalidade jornalística através do uso de tecnologias móveis digitais e conexões sem fio para a produção ou o relato da notícia diretamente do local do evento em condições de mobilidade. Neste sentido, este aparato formata um ambiente móvel de produção vinculado a redes de alta velocidade a partir do qual o repórter tem à disposição uma estrutura para a composição noticiosa de textos, fotos, vídeos e áudios ou o acesso a base de dados remotas (SILVA, 2008, p. 4).

Há de se considerar nesta reflexão, ainda, outras duas perspectivas: o papel do repórter e a construção de narrativas em jornalismo móvel. Brasil e Frazão (2013), em estudo sobre os desafios do jornalismo imersivo nas mídias radicais, observam que, no senso comum, grandes coberturas e transmissões ao vivo estão intimamente ligadas, inclusive porque, comumente, o uso de transmissão ao vivo para reportar grandes acontecimentos gera no espectador, especialmente por meio da televisão, a impressão de que presenciará uma grande cobertura, embora nem sempre isso signifique que se trate de uma cobertura grande, tanto em relação ao trabalho jornalístico quanto ao período de tempo. Os autores recorrem a Jesús Martín-Barbero (1997) para pensar sobre o efeito de sentido da imediatez:

Essa apresentação simultânea dos acontecimentos pode ser responsável por construir a retórica do direto (Martín-Barbero, 1997), segundo a qual um dispositivo organiza o espaço da televisão sobre o eixo da proximidade e da magia do ver. Para Martín-Barbero (1997), o principal efeito de sentido produzido é o da imediatez, uma das características da própria televisão. É em virtude desse imediatismo, impulsionado pela gravação ao vivo e transmissão direta, que a atenção do telespectador é atraída. (BRASIL E FRAZÃO, 2013, p. 130)

Reportar direto do local de acontecimento dos fatos, portanto, contribui, de acordo com os autores, para a imersão do indivíduo no acontecimento. Uma experiência de jornalismo imersivo, caracterizada por envolvimento e participação, “propõe ao indivíduo a imersão na narrativa, tomando par dos acontecimentos de forma mais aprofun-

dada” (BRASIL E FRAZÃO, 2013, p. 130). No Facebook, o uso da ferramenta Facebook Live reúne elementos para a prática de um jornalismo móvel e imersivo, feito pelo Estadão e, também, pela Mídia Ninja.

#### **4. A mídia que “escolheu um lado”**

Brasil e Frazão (2013) argumentam que, em oposição ao tipo de estratégia de cobertura jornalística utilizada pelas empresas de comunicação tradicionais em transmissões ao vivo nas redes de comunicação digital, “é possível analisar a estratégia inovadora das mídias consideradas radicais ou alternativas” (2013, p. 130). Para definirem de que mídia radical estão falando, os autores se utilizam do conceito empreendido por Downing (2002), que considera mídia radical aquela que compreende o uso e a apropriação do jornalismo em plataformas consideradas tradicionais ou inovadoras, caso, por exemplo, de coberturas com transmissão em tempo real por um celular com acesso à Internet.

A Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), coletivo criado em 2011 por meio da Pós-TV, mídia digital do circuito Fora do Eixo, ganhou repercussão internacional durante a cobertura das manifestações de rua ocorridas no Brasil em 2013. No site do coletivo, está exposto que “o jornalismo é uma das ferramentas e linguagens que utilizamos para levantar temas e debates, fortalecendo narrativas que não tem (sic) visibilidade nos meios convencionais de comunicação” (MÍDIA NINJA, 2018). Ao defender, ainda, a parcialidade como princípio do trabalho do grupo, a Mídia Ninja assume a condição de produtora de uma comunicação ativista, que rompe “com o falso mito da imparcialidade do jornalismo corporativo” (MÍDIA NINJA, 2018). O coletivo não se intitula um novo movimento social, mas demarca que faz parte de uma soma de iniciativas que ganham força e legitimidade para se apresentar como a “nova grande mídia”: “Trata-se de uma ecologia de produção de conteúdos que tem capacidade de incidir diretamente nas disputas de imaginário contemporâneas e colaborar com a obtenção de conquistas públicas da sociedade” (MÍDIA NINJA, 2018).



Os objetivos autodeclarados da organização, então, convergem para a prática das mídias que, segundo Brasil e Frazão (2013), têm como modelo o da contrainformação, quando grupos independentes promovem a revolução da informação, munindo a sociedade com fatos que são considerados como ausentes ou omitidos no discurso pregado pelas mídias tradicionais.

Dessa forma, haveria a democratização da informação, possibilitando ao público o conhecimento da ‘verdade’ sobre os fatos (Downing, 2002). Esse tipo de contrainformação acaba por fortalecer o público e sua confiança, em detrimento da credibilidade das mídias estabelecidas. Haveria, então, a possibilidade de mudanças sociais, não só de ordem informativa (BRASIL E FRAZÃO, 2013, p. 130).

## 5. Escolha metodológica

Ao considerar que produtos veiculados pela mídia exploram narrativas fáticas (para causar, pela objetividade, efeito de real), imaginárias (para causar, pela subjetividade, efeitos emocionais) ou híbridas, procurando ganhar a adesão do leitor, ouvinte ou telespectador, envolvê-lo e provocar certos efeitos de sentido, Luiz Gonzaga Motta (2007) propõe um modelo de análise pragmática da narrativa jornalística. Para isso, ele parte do pressuposto de que a organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória – portanto, realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). “Os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem a operações e opções (modos) linguísticas e extralinguísticas para realizar certas intenções e objetivos” (MOTTA, 2007, p. 2).

Se quem narra tem um propósito ao narrar, para Motta, a análise deve compreender, por um lado, as estratégias e intenções textuais do narrador, e, por outro, o reconhecimento (ou não) das marcas do texto e as interpretações criativas do receptor. A narrativa, na proposta do autor, não é vista como uma composição discursiva autônoma, mas como um dispositivo de argumentação na relação entre sujeitos. Para tanto, a análise pragmática da narrativa jornalística pode percorrer alguns movimentos. São eles: recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico; identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios; a construção de personagens jornalísticas (discursi-

vas); estratégias comunicativas (de objetivação e de subjetivação); a relação comunicativa e o “contrato cognitivo”; e metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história.

Para este artigo, consideramos importante relacionar alguns destes movimentos e, também, a quantidade de transmissões em vídeo ao vivo, por meio da ferramenta Facebook Live, realizadas pelo Estadão e pela Mídia Ninja. Para uma primeira etapa da análise, contabilizamos as *lives* feitas no Facebook – e salvas nas páginas – entre o dia 3 de abril, uma terça-feira, véspera do julgamento de um pedido de *habeas corpus* ajuizado pela defesa do ex-presidente no Supremo Tribunal Federal (STF), após ter sido condenado em segunda instância a 12 anos e um mês de prisão pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro, no processo do triplex do Guarujá (SP), e o dia 8 de abril, o domingo seguinte, um dia após Lula ter se entregado à Polícia Federal.

Neste ínterim, o pedido de *habeas corpus* foi negado no dia 4 de abril, por seis votos a cinco dos ministros da Suprema Corte, após dez horas e meia de um julgamento transmitido ao vivo pela televisão e pela Internet. Foi este resultado que abriu caminho para que no dia seguinte, 5 de abril, o juiz federal Sérgio Moro, responsável pelos processos da Operação Lava-Jato e pela condenação de Lula em primeira instância, expedisse o mandato de prisão do líder petista. Moro determinou que o ex-presidente tinha até as 17 horas do dia 6 de abril, sexta-feira, para se apresentar à Polícia Federal, mas, após uma vigília no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista e a celebração de uma missa, em frente ao Sindicato, em memória da ex-primeira-dama Marisa Leticia, já falecida, foi apenas no sábado, 7 de abril, que Lula deixou São Paulo rumo à capital do Paraná para, naquele dia, começar a cumprir a pena que lhe fora imputada.

Esta é, em síntese, a narrativa elaborada pelos meios de comunicação sobre o caso, exposta aqui como a recomposição do acontecimento proposta por Motta (2007). Há, entretanto, outras narrativas em disputa, uma vez que todo o processo foi – e continua sendo – questionado com argumentos que vão da ausência de provas e do cerceamento do direito de defesa até a existência de uma condenação “política”, e não essencialmente jurídica, segundo apoiadores do ex-presidente e críticos da postura de agen-

tes do Poder Judiciário. Durante o processo de escrita deste artigo, Lula está preso há mais de três meses. Mesmo assim, ainda é o pré-candidato do PT à Presidência da República para as eleições gerais marcadas para outubro de 2018.

## 6. Análise empírica

Entre 3 e 8 de abril de 2018, a Mídia Ninja realizou, no Facebook, 44 transmissões ao vivo relacionadas à prisão do ex-presidente. Além das coberturas *in loco* de atos em apoio ao líder petista em diversas cidades brasileiras, o movimento também retransmitiu, em tempo real, o julgamento do *habeas corpus* solicitado pela defesa do ex-presidente no STF, a partir da TV Justiça. No mesmo período, a página do Estadão registrou 17 vídeos transmitidos ao vivo que tinham ligação com o caso de Lula.

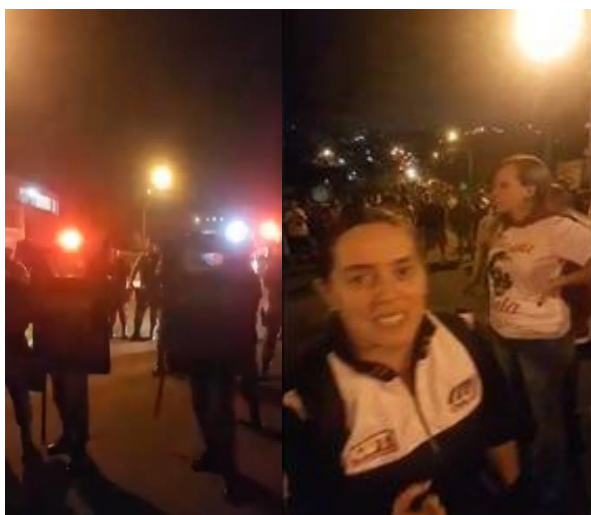
Para além da diferença quantitativa – as transmissões ao vivo realizadas pela Mídia Ninja representam mais que o dobro das contabilizadas na página do jornal O Estado de S. Paulo –, é possível notar outros distanciamentos: ao contrário da Mídia Ninja, o Estadão realizou apenas uma cobertura de ato na rua ao vivo, e o vídeo, publicado em 3 de abril, mostra uma manifestação na Avenida Paulista, em São Paulo, que reivindicava a negação do *habeas corpus* solicitado pela defesa do ex-presidente, a ser julgado no dia seguinte. Todos os vídeos do coletivo de mídia alternativa, ao contrário, voltam-se a manifestações de apoio a Lula; portanto, questionam a condenação e reivindicam a liberdade do ex-presidente. Para a análise qualitativa deste artigo, direcionamos um olhar mais aprofundado aos dois vídeos transmitidos ao vivo pelas duas páginas analisadas em horários mais próximos à prisão do ex-presidente, no dia 7 de abril, descritos parcialmente na introdução deste trabalho.

Da página da Mídia Ninja, o vídeo publicado com o título “#AoVivo Milhares de pessoas que recebiam Lula na sede da Polícia Federal em Curitiba são atacadas pela Polícia” tem 44 minutos e 28 segundos de duração. O repórter ninja, narrador da cena, movimenta uma câmera na mão – aparentemente de um celular, em posição vertical – em um plano-sequência em direção a um agrupamento de policiais posicionados com escudos, à frente das luzes de viaturas, para, segundos depois, mover-se em direção a

um grupo de apoiadores de Lula em frente ao prédio da Polícia Federal. Eles aguardam a chegada de Lula, que, já detido, era transferido de São Paulo para Curitiba. O conflito é verbalizado pelos próprios manifestantes, que reclamam de uma postura repressiva da Polícia à manifestação que ocorria no local. Motta (2007) observa que, na narrativa jornalística, é normal a história começar pelo clímax, já que os fatos saltam sobre o leitor. Por isso, “é comum os jornais explicarem o que está acontecendo” (2007, p. 6).

Neste processo, porém, durante a transmissão da Mídia Ninja, o repórter é também personagem. Ele circula entre as pessoas, e os entrevistados, entendidos na análise a partir da perspectiva de construção das personagens, não são escolhidos de modo aleatório. O narrador parece conhecê-los, ao abordá-los pelo nome para que relatem suas versões do acontecimento.

Ao aproximar-se de um homem, o repórter pergunta: “E aí, André, o que aconteceu aí?”. O entrevistado explica: “Na realidade, a gente tem duas manifestações aqui: uma que *tava* jogando fogos de artifício no helicóptero que *tava* trazendo o presidente Lula, e a nossa manifestação, que tinha roda de samba, que a gente *tava* fazendo uma solidariedade ao presidente Lula, que a gente *tava* pacificamente aqui na frente da Polícia Federal, mas a gente tomou gás de pimenta gratuitamente, todo mundo tomando porrada da Polícia”. Ele denuncia a prisão do ex-presidente como a “continuação de um golpe” no País. Ao longo da transmissão, 17 pessoas são entrevistadas, dentre elas, os senadores Lindbergh Farias (PT-RJ) e Gleisi Hoffmann (PT-PR), esta presidente nacional do Partido dos Trabalhadores.



Figuras 1 e 2: frames do vídeo transmitido ao vivo na página da Mídia Ninja

Fonte: Reprodução/Facebook

No vídeo, fica evidente, ainda, que algumas estratégias de construção da narrativa adotadas pela Mídia Ninja não correspondem às empreendidas, majoritariamente, por organizações empresariais de imprensa. Motta demarca que a narração como dispositivo argumentativo é evidente, mas pondera que o discurso objetivo do jornalismo, como estratégia comunicativa, define-se pelo distanciamento do narrador. O jornalista seria, portanto, “um narrador discreto”. Na Mídia Ninja, o narrador é sujeito ativo, participante, portanto distante, em alguns momentos, de estratégias de objetivação. Os sentidos de real são produzidos, no vídeo, a partir de uma condução parcial ancorada em imagens e sons transmitidos ao vivo. Ao mesmo tempo, recursos da retórica do repórter ninja, assim como dos entrevistados, compreendem a “relação comunicativa”, da qual fala Motta, existente entre a Mídia Ninja e os espectadores, pois está explícita, neste vídeo e em outros, a intencionalidade do narrador para com as interpretações e reconhecimentos da audiência. O “significado de fundo moral” da narrativa construída pela Mídia Ninja, na transmissão, é de que Lula é inocente e haverá luta e resistência, palavras presentes nos discursos expostos no vídeo, em defesa da liberdade do ex-presidente.

As mesmas estratégias estão presentes em outras *lives* da Mídia Ninja, feitas de dentro de manifestações de apoio ao líder petista. A página também publicou, no perío-

do, depoimentos de políticos, artistas e intelectuais. Poucas transmissões feitas sem câmera na mão se destacam no período analisado, caso da que veiculou a missa em homenagem à ex-primeira-dama Marisa Letícia, retransmitida em imagens geradas pela TVT, em 7 de abril, e a do julgamento do *habeas corpus* de Lula no STF, no dia 4, com imagens geradas pela TV Justiça.

Já a *live* analisada na página do Estadão foi realizada assim que o ex-presidente anunciou que se apresentaria à Polícia Federal, no dia 7 de abril. Antes dela, o jornal havia transmitido ao vivo, no Facebook, a missa em memória da ex-primeira-dama Marisa Letícia, com duas horas e 33 minutos de duração, mas o vídeo consiste apenas em reprodução de imagens da TVT. A mesma característica tem outro vídeo, com duração de uma hora e 54 minutos, intitulado “Lula no ABC”, em que é retransmitido discurso de Lula em frente à sede do Sindicato.

Na transmissão seguinte, publicada com o título “#Estadão: Lula decide se entregar à PF; jornalistas do ‘Estado’ comentam o cenário da prisão do ex-presidente”, o acontecimento anunciado é noticiado com uma abordagem diferente da adotada pela Mídia Ninja: o apresentador, que não é identificado no vídeo, define a transmissão como um “programa extraordinário”, que traz, conforme destaca, “além da cobertura jornalística que está ocorrendo neste momento, factual, sobre essa dinâmica da entrega do ex-presidente Lula à Polícia Federal, o que implica isso em termos de segurança pública, de mobilização, o que pode ter de problemas na rotina das cidades envolvidas e também a ação da Polícia Federal. E, para além disso, tem o subtexto político: o que significa para o Lula, para a esquerda, para os demais partidos, para a campanha eleitoral”.



Figura 3: frame do vídeo transmitido ao vivo na página do Estadão

Fonte: Reprodução/Facebook

Durante 42 minutos e 10 segundos, são exibidas em uma tela, ao lado do apresentador, notícias em tempo real publicadas no site do Estadão, além de fotos do ex-presidente e três vídeos: um deles, gravado e com poucos segundos de duração, mostra, segundo o apresentador, “a chegada de militantes do PCdoB em Curitiba”. São exibidos, ainda, trechos do discurso feito por Lula naquele mesmo dia, em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, e uma animação, produzida pelo PT, em que a voz do ex-presidente narra a própria trajetória política e destaca ações do PT à frente do Governo Federal. O apresentador é acompanhado, durante a transmissão, pelo jornalista José Alberto Bombig, editor executivo do jornal. Ele comenta os fatos relacionados à prisão do ex-presidente naquele dia, faz ponderações em relação ao envolvimento de nomes da cúpula do PT na Operação Lava-Jato e projeta repercussões do acontecimento para as eleições de 2018.

Na narrativa construída pelo jornal, as estratégias de objetivação, ancoradas na reprodução de informações publicadas no *site* do Estadão e na reprodução de fotos e vídeos relacionados à pauta, são combinadas a estratégias de subjetivação presentes no discurso opinativo, principalmente, do comentarista. Este, por sua vez, ocupa ali um lugar de personagem, embora a figura do jornalista se aproprie, no contrato cognitivo estabelecido com a audiência, de recursos de linguagem para conferir ao discurso o status de “factual, objetivo e verdadeiro” (MOTTA, 2007, p. 10). O fundo ético e moral, que dá sustentação à narrativa construída, está calcado na perspectiva de que a Justiça teria sido cumprida, embora ainda fossem incertos, àquela altura, que desdobramentos a prisão de Lula poderia ter no Brasil.

A única transmissão em vídeo ao vivo feita pelo Estadão, no Facebook, inteiramente da rua, durante o período analisado, consistiu em uma *live* de 54 segundos de duração realizada na noite do dia 3 de abril, véspera do julgamento de pedido de *habeas corpus* pedido pela defesa de Lula no STF. Publicado com o texto “BR 18: Em ato na Paulista, Vem Pra Rua diz: ‘Nosso recado é claro: tchau, querido!’”, o vídeo é filmado

por uma repórter – reconhece-se pela voz feminina que narra a transmissão –, com dispositivo móvel na mão, na Avenida Paulista, em São Paulo. As imagens mostram, do chão, uma faixa verde-amarela com os dizeres “Lula na cadeia” em preto. A câmera passeia entre manifestantes, mas ninguém é entrevistado. “Aqui é o *bandeiraço* do ‘Vem pra Rua’. Tá escrito ‘Lula na cadeia’. Vamos ver se vão puxar a bandeira”, diz a repórter. A rápida narração dela é sobreposta por uma voz masculina que, em um microfone, repete: “Nosso recado é claro: tchau, querido!”.

## 6. Considerações finais

Notamos que o uso da ferramenta Facebook Live para a realização de uma cobertura política no jornal O Estado de S. Paulo tem menor proporção se comparado com a intensidade de utilização do recurso pela Mídia Ninja. Isso demonstra que transmissões em vídeo ao vivo ocupam um espaço de maior relevância nas estratégias comunicativas do coletivo de mídia alternativa, que tem a Internet como principal canal de divulgação de ações, pautas, posicionamentos e reivindicações.

No jornal, por outro lado, as *lives* no Facebook representam uma dentre outras frentes de atuação e conexão com potenciais leitores e espectadores em busca de audiência. O vídeo analisado neste trabalho, por exemplo, termina com os dois jornalistas do veículo “chamando” o público para continuar acompanhando a cobertura do caso Lula no site do Estadão e, no dia seguinte à prisão, domingo, 8 de abril, conferir uma edição especial do jornal impresso, com análises e desdobramentos do acontecimento. A transmissão ao vivo feita na rede social, portanto, é parte de um esforço jornalístico convergente.

Quanto às estratégias de construção de narrativas adotadas por cada uma das páginas nos vídeos analisados, o presente estudo observou que as escolhas de objetivação e subjetivação são diferentes, portanto apontam para intenções comunicativas – com motivações políticas, ideológicas e culturais – em disputa no debate público.

## Referências



LÉVY, Pierre. **A esfera pública do século XXI**. In: Net-ativismo – Redes digitais e novas práticas de participação, Massimo Di Felice; Eliete Pereira; Erick Roza (orgs.). Campinas: Papius, 2017.

\_\_\_\_\_, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

SILVA, Fernando Firmino da; RODRIGUES, Adriana. **Jornalismo em mobilidade: redes sociais e cobertura de protestos “ao vivo” e da rua**. In: Mídia, Tecnologia e Linguagem Jornalística. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014.

AVILÉS, José Alberto García; SALAVERRÍA, Ramón; MASIP, Pere; PORTILLA, Idota; SADA, Charo. **Métodos de investigación sobre convergencia periodística**. In: Colóquio Internacional Brasil-Espanha sobre Cibermedios. Salvador, 2007.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo e tecnologias da mobilidade: conceitos e configurações**. In: II Simpósio Nacional de Pesquisadores em Cibercultura – ABCiber. São Paulo, 2009. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/profile/Fernando\\_Silva58/publication/242743972\\_JORNALISMO\\_E\\_TECNOLOGIAS\\_DA\\_MOBILIDADE\\_Conceitos\\_e\\_onfiguracoes\\_1/links/55a13a8308ac9ca1e63d5e2/JORNALISMO-E-TECNOLOGIAS-DA-MOBILIDADE-Conceitos-e-onfiguracoes-1.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Fernando_Silva58/publication/242743972_JORNALISMO_E_TECNOLOGIAS_DA_MOBILIDADE_Conceitos_e_onfiguracoes_1/links/55a13a8308ac9ca1e63d5e2/JORNALISMO-E-TECNOLOGIAS-DA-MOBILIDADE-Conceitos-e-onfiguracoes-1.pdf). Acesso em 23 de junho de 2018.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **Teorias sociais sobre a tecnologia e os estudos de jornalismo digital**. In: Jornalismo e tecnologias digitais: produção, qualidade e participação, Carlos Eduardo Franciscato; Josenildo Luiz Guerra; Lilian Cristina Monteiro França (orgs.). São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

BRASIL, Antônio; FRAZÃO, Samira Moratti. **Drones no ar e ninjas nas ruas: os desafios do jornalismo imersivo nas mídias radicais**. In: Sessões do Imaginário, revista do Programa de Pós-Graduação da PUC-RS. Porto Alegre: Volume 18, nº 30, 2013 (pp. 127-136). Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/15972/11080>. Acesso em 23 de junho de 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A análise pragmática da narrativa jornalística**. In: Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: (Editora), 2007.

ESTADÃO. **O Estado de S. Paulo – Histórico**. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm>. Acesso em 23 de junho de 2018.

FOLHA DE S. PAULO. **Moro decreta prisão de Lula; ex-presidente tem até 17h de 6ª para se entregar**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/moro-decreta-prisao-de-lula-ex-presidente-tem-ate-17h-de-6a-para-se-entregar.shtml>. Acesso em 23 de junho de 2018.

MÍDIA NINJA. **Quem somos – perguntas frequentes**. Disponível em: <http://midianinja.org/perguntas-frequentes/>. Acesso em 23 de junho de 2018.